

# INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

MARIA ANGELA SANTA CRUZ

JULHO/2009

[mangelasc@gmail.com](mailto:mangelasc@gmail.com)

- ❑ Breve comentário sobre a opção por tratar o tema da adolescência e não da juventude:
  - pela proposta deste curso de capacitação – enfrentamento da questão da violência doméstica e sexual contra crianças e adolescentes;
  - o termo adolescência: predominante no debate público a partir dos anos 80, efeito de movimentos sociais importantes no Brasil que inauguram a noção social de que a adolescência, assim como a infância, é uma fase especial do ciclo da vida, do desenvolvimento e que exige cuidados e proteção especiais;
  - pelo fortalecimento do ECA, fruto das lutas desses movimentos sociais, legislação que faz avançar ao afirmar crianças e adolescentes como sujeitos de direitos. Ainda que tenha atingido sua maioria neste ano de 2008, ainda engatinha na efetivação da proteção e promoção dos direitos das crianças e adolescentes.
  - Para uma melhor distinção sócio-conceitual dos termos adolescência e juventude, consultar *Juventude e Adolescência no Brasil – referências conceituais*; Freitas, Virgínia(org), Abramo, Helena W. e Léon, Oscar dávila ; Ação Educativa, São Paulo, 2005. [www.acaoeducativa.org](http://www.acaoeducativa.org)

# I – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA COMO INSTITUIÇÕES

- ❑ Conceito de instituição na perspectiva do “institucionalismo anti-institucional”: “instituições como criações históricas de práticas e discursos que instauram campos de real, assim como monopólios de legitimidade: criança/pedagogia; doença mental/ psiquiatria; saúde/medicina, etc... (Rodrigues, Heliana de B. Conde, “As intervenções grupais – epistemologia ou História das Práticas?”, mimeo, 1989)
- ❑ Infância e Adolescência como instituições: campos de real construídos historicamente a partir de redes de saberes/poderes, práticas e discursos; não são portanto da ordem da natureza, ainda que tenham sido naturalizados assim como tantas outras instituições – família, sexualidade, etc...
- Desnaturalizar = colocar as instituições em análise para fazer surgir seu plano de produção.

# INFÂNCIA

- ❑ Ariès, Philippe. *História Social da criança e da família*, Zahar, RJ, 1978. (apud Pavan, Cleusa. “A fabricação do conceito da Infância, da Adolescência e da Família”, texto de aula do Curso de Especialização “Adolescência e Juventude na contemporaneidade – suas instituições e sua clínica”; Instituto Sedes Sapientiae, maio/2005)
- Produção do conceito de infância a partir do séc. XVII;
- Anteriormente: criança como adulto em miniatura – iconografia, vestuário; após período de dependência, misturava-se aos adultos e à vida dos coletivos – vida social (jogos, festas, rituais); mundo do trabalho (aprendizagem de ofícios e de valores); aprendizagem da vida em geral; sexualidade sem restrições.
- A partir do século XIV: 1º sentimento da Infância (não significa afeição) = **paparicação** – criança como distração e fonte de relaxamento e brincadeira para os adultos.
- A partir do séc XVII: moralistas e reformadores dos costumes responsáveis pela separação das crianças em relação aos adultos – surgimento do 2º sentimento da infância: consciência de sua **fragilidade e fraqueza** – movimentos para sua preservação e **disciplinarização**: infância como idade da imperfeição e da leviandade – prescrição de severidade; surgimento da instituição Educação - escola como operadora de um tempo de resguardo, de quarentena - neste momento histórico em que a criança é constituída como objeto de atenção e de vigilância constantes.
- 3º sentimento da Infância: **preocupação com a higiene e a saúde**.

- Criança vai ganhando: **relevo** (de ausente na iconografia para lugar central); **distinção** (separação do adulto, diferenciação a partir dos trajes, dos jogos e brinquedos, das brincadeiras de caráter sexual, das festas sociais); **estatuto próprio** (objeto de atenção e vigilância – enquadramento, disciplinarização).
- Grande mudança de costumes operada no séc. XVII : construção da noção de **Inocência** infantil.
- Donzelot, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Graal, RJ, 1986.
- O séc. XVII e o movimento de conservação das crianças: o nascimento da família moderna – fechamento/privatização da família em relação ao espaço público:
  - 1) família burguesa: expulsão dos serviçais; aleitamento materno; aliança do médico com a mãe – novo lugar social para a mulher como mãe, declínio do poder paterno;
  - 2) família popular: campanhas patronais para oficialização (casamento) de uniões; ruptura dos laços de dependência e solidariedade com os coletivos de ofício/comunitários; habitações sociais subvencionadas – redução de cada um de seus membros aos outros, relação circular de vigilância contra as tentações do mundo exterior - surgimento da infância em perigo e da infância perigosa – surgimento do social
- Governo das crianças: através da família

- Infância :
- 1) burguesa: LIBERAÇÃO PROTEGIDA – criança é objeto de extrema solicitude; cordão sanitário à sua volta: em seu interior será encorajado o desenvolvimento físico e psíquico;
- 2) pobre: LIBERDADE VIGIADA - problema do excesso de liberdade, abandono nas ruas; técnicas de limitar essa liberdade, dirigir a criança para espaços de maior vigilância – escola ou habitação popular – criança tutelada.

Foucault, Michel. *História da Sexualidade I – A vontade de saber*

\_\_\_\_\_ *Vigiar e Punir*

- Conceito de Bio-poder:
- Estratégia de poder dominante nas sociedades modernas, sucessora histórica do poder de soberania – relações distintas com a vida e a morte: *Fazer morrer e deixar viver* (poder soberano) X *Fazer viver e deixar morrer* (poder disciplinar)
- Século XVIII e o surgimento do conceito de população – população como riqueza de um Estado-nação – a vida entra pela 1ª vez na história: “a vida e seus mecanismos entram nos cálculos explícitos do poder e saber, enquanto estes se tornam agentes de transformação da vida” (Pelbart, Peter Pál. *Vida Capital*, Iluminuras, São Paulo, 2003)

- Bio-poder: articulação de 2 polos inicialmente separados:
- 1º) Espécie humana - pela 1ª vez na História, categorias como espécie, população e outras tornaram-se objeto de atenção política – Controle das Espécies;
- 2º) Corpo – objeto a ser manipulado, moldado, domesticado – Controle do Corpo – Poder disciplinar com o objetivo de produzir corpos úteis e dóceis; Tecnologia disciplinar desenvolvida, aperfeiçoada, reproduzida em fábricas, casernas, hospitais, prisões, escolas.
- Sexualidade: no entrecruzamento desses dois eixos – da tecnologia da vida, da regulação das populações, das intervenções sobre o corpo social como um todo e o adestramento dos corpos, a tecnologia política que produz homens como indivíduos.
- Sexo como ponte entre o corpo e a população – de sociedade de sangue (dispositivo de aliança nas sociedades de soberania) para sociedade do sexo (dispositivo da sexualidade nas sociedades disciplinares)
- Fase de organização pré-industrial/industrial do capitalismo: intensas desterritorializações, retirada dos homens da terra, produção do homem como trabalhador “livre” para vender sua força de trabalho aos proprietários dos meios de produção.
- Modo de produção de subjetividade: serializada, homogeneizada, docilizada, individuada

- Família Nuclear/Moderna e Escola\*: agentes primordiais do processo de socialização das crianças, reprodutores e produtores da tecnologia disciplinar, tecnologia hegemônica na produção do modo indivíduo de subjetivação, matéria-prima das sociedades capitalísticas (Guattari, Félix; Rolnik, Suely. *Micropolítica -Cartografias do desejo.*)
- Produção de subjetividade: matéria prima de qualquer organização social.

\*Escola – “Se o século XVIII “descobre” a escola como o lugar de produção da ordem e homogeneização da categoria criança, o século XIX se encarrega da tarefa de conceber e colocar em prática os mecanismos que recolhem e “protegem” aqueles que foram expulsos ou não tiveram acesso ao sistema escolar. “ (Emílio Garcia Mendez)



# INFÂNCIA (E ADOLESCÊNCIA) NO BRASIL

- \* Séc. XIX no Ocidente – grandes transformações econômicas, políticas e sociais da nova era industrial capitalista: novos significados e nova dimensão social para o conceito de infância: a criança deixa de ser objeto de investimento apenas no âmbito privado (família, Igreja) e passa a se tornar uma questão social, objeto de investimento do Estado – criança como “chave para o futuro”, ser em formação – “ductil e moldável” - podendo virar um “homem de bem” (útil p/ o progresso da nação) ou um “degenerado”.
- Lógica evolucionista e positivista da época: vigiar a criança para evitar que se desvie = parte da missão eugênica de regeneração da raça humana.
- Autoridade paterna (pater familias – Direito Romano): passa a ser regulada pela autoridade do Estado.
- Concepções higienistas e saneadoras da sociedade: levam a intervenções nos focos da doença e da desordem = universo da pobreza e das classes trabalhadoras (problema de ordem moral) – criança como um dos principais instrumentos de intervenção do Estado na família.
- Final do século XIX no Brasil (passagem do regime monárquico para o republicano) momento histórico importante de busca de realização do desejo emancipatório e da construção de uma nação.

- Missão saneadora e civilizadora: salvar o Brasil da ignorância e da barbárie para transformá-lo em uma nação culta e civilizada.
- Criança filha da pobreza = menor = alvo da ação civilizatória: problema social gravíssimo = criação de um complexo aparato médico-jurídico-assistencial c/ funções de prevenção, educação, recuperação e repressão .... Para defender a sociedade, ou melhor, os interesses da elite dominante.
- “Salvar a criança era salvar a nação” – frase inúmeras vezes repetida nos anos 1800/1900.
- Projeto político (Rizzini, 1997) e micro-político de produção de subjetividade assujeitada.
- **INFÂNCIAS:**
- **CRIANÇA = FILHA DAS CLASSES DIRIGENTES E DA BURGUESIA, SOB OS CUIDADOS DA FAMÍLIA = CANDIDATA À CIDADANIA;**
- **MENOR = FILHO DAS CLASSES PROLETÁRIAS OU POBRES, SOB A TUTELA DO ESTADO, OBJETO DE LEIS, AÇÕES FILANTRÓPICAS, EDUCATIVAS, REPRESSIVAS, PROGRAMAS ASSISTENCIAIS = ESTADANIA** ( José Murilo de Carvalho, apud Rizzini, 1997).
- Contexto: desenvolvimento urbano a partir da década de 70 do século XIX; Cidades em acelerado crescimento.

- Porcentagem de crianças e jovens na população brasileira na passagem do século XIX para o século XX: entre 45,9% a 56,5% - com concentração crescente nas grandes cidades - RJ, Salvador, Recife, Belém, Porto Alegre, São Paulo.
- História da criança = história do seu controle (Emílio Garcia Mendez)
- Controle social formal da infância = estratégia específica de construção de uma categoria de indivíduos débeis – proteção não como direito mas como imposição.
- 1º. Tribunal de menores no Brasil: 1923
- 1º. Código de menores: 1927 (Mello Mattos)
- Inauguração da doutrina da situação irregular que se estenderá até os movimentos sociais da década de 80 do século XX qdo finalmente o movimento de democratização brasileiro faz democratizar os direitos de forma a neles incluir crianças e adolescentes das camadas pobres – grande maioria da população brasileira.
- Constituição cidadã de 1988: Art. 227 – “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão”.

# ADOLESCÊNCIA

- ❑ Ariès (idem, apud Pavan)
- Idade Média: Adolescência designava o período da vida correspondente à juventude, assim como puerilidade designava o período da infância e senilidade o período da velhice.
- Até o séc. XVIII, na França: adolescência foi confundida com infância, existindo apenas uma palavra para designá-las – enfant;
- Infância referida à idéia de dependência – só se saía da infância quando se saía da dependência;
- Pelo vocabulário comum utilizado tanto para designar uma criança/adolescente como para designar as relações feudais/senhoriais de dependência – *petit garçon* = criança e também um jovem servidor – dependência = relações de dominação/submissão;
- 1º adolescente moderno típico: Siegfried de Wagner – séc. XVIII: expressão na música de um misto de pureza, força física, naturismo, espontaneidade e alegria de viver.
- 1900 – fenômeno do adolescente-herói, surgido pouco antes na Alemanha, penetra na França – juventude como depositária de novos valores;
- Após I Grande Guerra, 1914: combatentes da frente de batalha se opuseram às velhas gerações da retaguarda;
- De figura artística/literária, de força de renovação e de contestação sociais a adolescência, a objeto de saberes e práticas : redução e dominação da força contestatória

- Adolescência: só existe, tal como a conhecemos, nas sociedades ocidentais modernas, não existindo nem em outro momento histórico, nem nas sociedades ditas primitivas – as sociedades sem estado.
- Nestas: rituais de passagem com eficácia simbólica tal que permite a integração social dos jovens, além de haver uma rede concreta de inclusão - não há adolescência problema.
- Adolescências e Juventudes: tantas quanto as organizações/formações sociais que as produzam – Ex: Jana
- “A sociedade é, em larga medida, produtora do potencial de recusa que contra ela se manifesta” - Vicentim, M. Cristina G. *A vida em rebelião. ?*, São Paulo, 200?
- Adolescência – nasce quando jovens estudantes declaram guerra a todas as formas de vida adulta, no final do séc. XIX – Movimento Juvenil Alemão (Abramo, Helena W. *Cenas Juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano*. Scrita, São Paulo, 1994)
- Antes de ser despotencializada e despolitizada pela captura exercida sobre ela pelos “saberes competentes” (psicologia, pedagogia, sociologia, direito, medicina), reduzindo-a à condição de objeto de investigação “científico”, a força adolescente emergiu como um movimento de recusa e de resistência às formas de organização e de poder vigentes.
- Reduzida, vira um tempo em suspensão, um tempo de “moratória” social (Erik Erickson – 1959)

- Entre a autonomia e a normalização – adolescentes encarnam e performatizam conflito;
- Formas de resistência na infância e na adolescência – adolescência como re-existência

## II – Os Crimes de Paz (Basaglia) ou formas de violência legitimadas socialmente

- ❑ Sociedade de Controle – Deleuze – modulação do capitalismo transnacional; a era do controle pelo tempo – a vertigem do instantâneo , pelo mercado globalizado – consumo como paradigma das relações; pela violência da imagem e o império do espetáculo; controle a céu aberto , sem muros; intensificação da disciplina.
- ❑ A patologização da infância e da adolescência: Especialismos e crimes de paz
  - TDAH
  - Dislexia
  - Depressão
  - Santa Cruz, M. Angela. “Desafios da Clínica Contemporânea: novas formas de manicomialização”, in Ferraz, F; Fuks, L. *O sintoma e suas faces*. Escuta/ Instituto Sedes Sapientiae (?), São Paulo, ?
  - *INPD*
- ❑ A culpabilização da infância e a criminalização da adolescência:
  - A culpa pela agressividade, pelos problemas de aprendizagem, e outros sintomas;
  - Fantástico, drogas e detetives
- ❑ A delinquência, e o sintoma, como sinais de esperança
- ❑ Criança e adolescente como sujeitos de direitos: o direito a falar de si mesmos e serem escutados.

# Medicalização e Mercantilização

(apud Alicia Stolkiner)

- .. La medicalización de la vida..tendencia de la medicina a ocupar y usurpar los lugares y los tiempos más cruciales de la existencia humana, se entrelaza ahora con la mercantilización de la medicina, tendencia a transformar en mercancía o dinero cada parte del cuerpo y cada acto aplicado a la vida y a la salud
- Giovanni Berlinguer: “¿la medicina usurpará la vida?” (1994)



